

DOCUMENTÁRIO PARAÍSO DISSIDENTE: FESTA, CORPOS E RUÍDO NA RESISTÊNCIA CULTURAL EM PELOTAS

EDUARDA RODRIGUES SARAIVA¹; MARIA EDUARDA RODRIGUES
TEIXEIRA²;

LARA NASI³:

Universidade Federal de Pelotas – rsaraivaeduarda@gmail.com 1

Universidade Federal de Pelotas – mariarteixeira.eduarda@gmail.com 2

Universidade Federal de Pelotas – lara.nasi@ufpel.edu.br 3

1. INTRODUÇÃO

A festa é uma das formas mais potentes de linguagem coletiva. Quando vivida nas margens, em espaços atravessados por historicidades de apagamento, ela se torna gesto político, estratégia de sobrevivência e experiência sensível de comunidade. Este resumo expandido apresenta a pesquisa e a produção do documentário *Paraíso Dissidente*¹, sobre a festa underground de música eletrônica **Coisinha**, realizada em Pelotas (RS), no interior do Kilombo Urbano “Ocupação Canto de Conexão”². Mais que um evento noturno, a Coisinha se constitui como espaço de afirmação simbólica de corpos dissidentes, reinvenção estética e construção de pertencimento por meio da música eletrônica, da visualidade e da performance.

A pesquisa partiu do problema: **como o documentário sensorial pode funcionar como escuta e tradução de um espaço de resistência estética como a festa Coisinha, em um contexto de silenciamento midiático e normatividade urbana?** A hipótese foi a de que a Coisinha opera como gesto de resistência localizada e que o documentário, ao acolher suas poéticas marginais, pode funcionar como contra-narrativa.

O objetivo geral consistiu em investigar a Coisinha como prática de resistência cultural e midiática, explorando suas camadas sonoras, visuais e performativas a partir de uma abordagem documental sensível. Os objetivos específicos envolveram: compreender a festa como dispositivo de subjetividade coletiva³; realizar entrevistas abertas com frequentadores, artistas e organizadores; registrar o espaço e o ambiente da festa com câmera em movimento; refletir sobre a ausência da Coisinha na mídia local; e experimentar uma estética audiovisual fragmentária e imersiva.

¹ Paraíso Dissidente é o título do documentário em produção como Projeto Experimental para o Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo das autoras; o título é inspirado na fala da artista e Dj Marmo Runa entrevistada para o documentário.

² O Kilombo Urbano “Ocupação Canto de Conexão” é uma ocupação localizada na região portuária de Pelotas (RS), em prédio abandonado da Marinha, revitalizado por um coletivo que oferece moradia estudantil, biblioteca comunitária, hortas e distribuição de alimentos. Inspirado nos Quilombos históricos, o espaço funciona como ponto de cultura, resistência e inclusão social, articulando moradia, arte e ativismo político.

³ Segundo Domingues (2002), a Subjetividade Coletiva, é a forma como grupos sociais constroem sentidos compartilhados a partir de experiências comuns, atravessadas por heterogeneidade, interatividade e historicidade. Não é homogênea, mas processual, marcada por vínculos, conflitos e mudanças que se tecem nas relações sociais.

O referencial teórico articula Comunicação, Cinema, Antropologia e Artes Visuais. BRAGA (2018) compreende o *ferro* como espaço micropolítico de experimentação coletiva, onde corpos dissidentes produzem formas de subjetividade. CHAVES (2022) e ABREU e FREITAS (2024) investigam as linguagens visuais desviantes e performativas em festas independentes, mostrando como cartazes, figurinos e a ambientação comunicam pertencimento e resistência. BARRETO (2006) problematiza os limites do jornalismo cultural brasileiro, que tende a invisibilizar práticas culturais marginais. Já NICHOLS (2016) contribui para pensar o documentário como gesto performático e participativo, capaz de transformar a câmera em dispositivo de relação. Essa rede de autores sustenta a compreensão da Coisinha como território simbólico e estético de dissidência.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

A pesquisa adotou metodologia qualitativa (BAUER; GASKELL, 2002), fundamentada em observação sistemática, entrevistas abertas e inserção no campo. A presença contínua em diferentes edições da festa permitiu registrar não apenas os fatos, mas também atmosferas, afetos e memórias. O método privilegia o que JOVCHELOVITH e BAUER (2002) chamam de “entrevista narrativa”, em que a escuta aberta permite que o participante organize livremente sua experiência.

A análise do material dialoga com a proposta de BAUER e AARTS (2002), segundo a qual a interpretação não é apenas mecânica, mas exige intuição criativa, mantendo enraizamento no *corpus* coletado. Esse princípio orientou a montagem do documentário, que não buscou linearidade, mas fragmentação e sobreposição, refletindo a própria lógica da festa.

O processo de produção envolveu três etapas principais. Na **pré-produção**, foi realizada pesquisa preliminar sobre festas eletrônicas e experiências de ocupação de espaços urbanos. A escolha da Coisinha foi motivada por sua especificidade estética e política, em contraste com as festas comerciais de Pelotas. A **captação** reuniu entrevistas com organizadores, DJs, artistas e frequentadores, além de registros audiovisuais no Kilombo Urbano e em outros espaços significativos. Os desafios técnicos, como iluminação precária e falhas de bateria, foram enfrentados com soluções criativas que reforçaram a estética desejada. Na **pós-produção**, a montagem privilegiou uma narrativa sensorial, incorporando o ruído, silêncios e fragmentos como parte da linguagem. A trilha sonora original, composta pela DJ Hell, reforçou a identidade sonora e política da obra.

O percurso também foi marcado por ajustes de planejamento. Entrevistas precisaram ser feitas remotamente, e materiais adicionais foram incluídos conforme surgiam novas demandas narrativas. Essas mudanças reafirmaram a natureza dinâmica da pesquisa e a necessidade de flexibilidade metodológica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário *Paraíso Dissidente* reafirma a festa Coisinha como espaço de resistência cultural e política em Pelotas, onde corpos dissidentes encontram acolhimento e liberdade. A metodologia qualitativa possibilitou registrar a festa como prática estética e comunitária, enquanto o processo de produção

audiovisual evidenciou a indissociabilidade entre forma estética e posicionamento político.

Os resultados indicam que a Coisinha não é apenas entretenimento, mas território de memória, ruído e reinvenção coletiva, invisibilizado pelas mídias tradicionais. O documentário, ao escutar e traduzir esse espaço, se consolida como contra-narrativa ao silenciamento urbano e midiático. A pesquisa contribui para os debates sobre jornalismo cultural, audiovisual e práticas festivas dissidentes, além de propor metodologias sensíveis para o estudo de fenômenos culturais periféricos.

Ao retomar os objetivos iniciais, percebe-se que o projeto alcançou sua proposta central: investigar a Coisinha como prática de resistência cultural e midiática. A realização das entrevistas, a presença em campo e o registro audiovisual confirmaram a hipótese de que a festa funciona como gesto de reterritorialização simbólica, produzindo sentidos de pertencimento e coletividade. Ainda que não tenha a pretensão de esgotar o tema, o documentário oferece uma contribuição significativa para a valorização das culturas marginais e para o fortalecimento de uma escuta expandida no jornalismo.

Além disso, a experiência revelou os limites e desafios do fazer documental em contextos precários, marcados por restrições técnicas e logísticas. Essas dificuldades, longe de comprometer a pesquisa, abriram caminhos criativos e metodológicos que reforçam a importância de pensar o audiovisual como linguagem viva e adaptável. Assim, o *Paraíso Dissidente* não se encerra como produto acabado, mas como processo em aberto, que pode inspirar novas investigações e produções futuras sobre as múltiplas formas de resistência cultural presentes nas cidades brasileiras.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Amanda Martins de; FREITAS, Martha Gomes de. O que pode uma coisinha? O acontecimento de linguagens visuais e performativas na festa eletrônica. In: **ENCONTRO DE PÓS-GRADUAÇÃO**, 26, 2024. Anais... Pelotas: UFPel, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpel.edu.br/handle/prefix/15616>. Acesso em: 05 jun. 2025.

BARRETO, Ivana. As realidades do jornalismo cultural no Brasil. **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 65–73, 2006. Disponível em: http://www.contemporanea.uerj.br/pdf/ed_07/08IvanaBarreto.pdf. Acesso em: 05 jun. 2025.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 39–63.

BRAGA, Gibran Teixeira. **O fervo e a luta: políticas do corpo e do prazer em festas de São Paulo e Berlim**. 2018. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

CHAVES, Guilherme. **A identidade visual das festas independentes: uma análise da criação de sentido por meio de linguagens desviantes**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

DOMINGUES, José Maurício. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva . **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 14, n. 1, p. 67–89, 2002. DOI: 10.1590/S0103-20702002000100004. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ts/article/view/12374..> Acesso em: 29 ago. 2025.

JOVCHELOVITH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 90–113.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. 2. ed. Campinas: Papirus, 2016.